

RESUMO

Trata da roda de conversa para a 4ª Semana Nacional dos Arquivos (SNA), realizada pelo curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com o professor Doutor, Daniel Flores da Universidade Federal Fluminense e o professor Doutor, Josemar Henrique de Melo da UEPB, como palestrantes, sobre as tecnologias de informação nos currículos dos cursos de Arquivologia e a demanda da sociedade sobre a produção, o uso e a preservação dos documentos digitais, contou com a mediação do professor Mestre Sânderson Lopes Dorneles da UEPB. Esta edição da SNA não pôde ser feita presencialmente, haja vista a necessidade de isolamento social, prevista pelas autoridades de saúde contra a pandemia da covid-19. O debate foi gravado no dia 28/05/2020 às 15:50 por intermédio de videoconferência no Google *Meet* e colocado à disposição na página do Projeto de Seminários de Saberes Arquivísticos (SESA - UEPB) no Youtube, dia 10/06/2020 às 19hs.

Palavras-chave: Curso de Arquivologia. Tecnologias da Informação. Currículos Acadêmicos.

ABSTRACT

It deals with the conversation wheel for the 4th National Week of Archives (SNA), held by the Archivology course at the State University of Paraíba (UEPB) with Professor Doutor, Daniel Flores from Universidade Federal Fluminense and Professor Professor, Josemar Henrique de Melo da UEPB, as speakers, on the information technologies in the curricula of Archivology courses and the society's demand on the production, use and preservation of digital documents, and had the mediation of Professor Mestre Sânderson Lopes Dorneles from UEPB. This edition of the SNA could not be done in person, given the need for social isolation, provided by the health authorities against the pandemic of the covid-19. The debate was recorded on 05/28/2020 at 3:50 pm via videoconference on Google Meet and made available on the Archives Knowledge Seminar Project (SESA - UEPB) page on Youtube, 06/10 / 2020 at 7pm.

Keywords: Archivology Course. Information Technologies. Academic Resumes.

¹ Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa-PB. Brasil.

² Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa-PB. Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3888-2841>

A Semana Nacional de Arquivos (SNA) é um evento estabelecido com estratégias e ações para incentivo da difusão de acervos arquivísticos em diferentes linguagens e suportes, que consta no objetivo nº 4 do Plano Nacional de Arquivos produzido pelo Colegiado Setorial de Arquivos do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) para o decênio 2016-2026 e organizado anualmente pelo Arquivo Nacional, desde 2017. Tem como premissa fundamental estimular o debate por diversas instituições sobre questões relacionadas com o arquivo e a Arquivologia. Nesta quarta edição, o tema foi: Empoderando a Sociedade do Conhecimento, proposta pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA).

O Estado da Paraíba realiza o evento através de instituições que custodiam arquivos e/ou promovem a formação de arquivistas. Porém, desde a 2ª edição, um conjunto de instituições federais, estaduais e municipais têm se reunido sob a coordenação do Grupo de Estudos Arquivísticos (GEArq) para construção coletiva do evento. Este ano participaram, a convite do GEArq, as instituições: Fundação Casa de José Américo; Ministério Público da Paraíba; Arquivo Público Estadual da Paraíba; Tribunal Regional da Paraíba; Arquivo Central da Universidade Federal da Paraíba e curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

A excepcionalidade deste ano foi a utilização de meios digitais para realização do evento, tendo em vista o momento que estamos atravessando da pandemia de Covid-19. Desta forma, o evento ocorreu com o emprego das tecnologias da informação em mesas redondas, rodas de conversa e palestras *on line*, disponibilizadas na plataforma mundial de compartilhamento de vídeos, o Youtube.

É importante destacar que esta foi mais uma nova forma de construir e apresentar o debate acadêmico que ocorre, normalmente, entre os muros das universidades. O receio por parte de alguns deu lugar à inovação trabalhada nesse formato. Consideramos, portanto, positiva a boa receptividade ao encontro entre os que puderam acompanhar as apresentações ao vivo e aos que terão condições de assisti-la em outro momento, pois estão registradas.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) realizou, dentro da 4ª SNA, a roda de conversa com o título: Tecnologias nos Currículos dos Cursos de Arquivologia, com a participação de Daniel Flores, professor Doutor do curso de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e de Josemar Henrique de Melo, professor Doutor do curso de Arquivologia da UEPB com mediação de Sânderson Lopes Dorneles professor Mestre da UEPB. A apresentação desta roda de conversa foi gravada e disponibilizada na página do Projeto Seminário de Saberes Arquivístico (SESA-UEPB) no Youtube, a qual já obteve centenas³ de visualizações. Não sendo uma apresentação em tempo real, as perguntas puderam ser feitas na sessão de comentários do Youtube e repassadas para os palestrantes.

O tema proposto busca ampliar a discussão sobre a necessidade da tecnologia da informação nos currículos dos cursos de Arquivologia, bem como, enquadrar as demandas da sociedade sobre o objeto de trabalho do arquivista, o documento de arquivo, produzido e recebido pelas instituições e se altera com a utilização dos documentos de arquivos digitais. Neste sentido, ampliam-se as temáticas em relação à formação dos profissionais para atenderem a estas mudanças da sociedade. Estas preocupações dão-se, principalmente, pela necessidade em manter os elementos específicos do documento arquivístico: autenticidade, confiabilidade, fidedignidade, unicidade, integridade, completude e acessibilidade em ambientes digitais,

³ Trezentas e vinte visualizações até o momento da elaboração deste texto.

elementos fundamentais e que em muitos casos não estão presentes nas inquietações de outros profissionais que lidam com a construção destes tipos de *softwares*.

Flores (2015), em sua apresentação, explica, a partir de prospecção realizada nos cursos de Arquivologia no Brasil, que não estão sendo contempladas mudanças curriculares na forma e profundidade necessárias para compreender o novo paradigma imposto pela tecnologia da informação, tendo em vista a complexidade dos documentos arquivísticos digitais.

Outro ponto importante a se destacar, é a participação docente em todas estas mudanças. Estava, por muito tempo cristalizada, a formação docente para a Arquivologia, apoiada, principalmente no suporte analógico do documento arquivístico e na sua relação muito próxima com a História. A transformação do suporte obriga também, em muitos casos, a uma revisão dos referenciais e do conhecimento necessário aos docentes para esta realidade informatizada que se apresenta.

2 AS PALESTRAS

A Arquivologia, desde a sua criação nos finais do século XIX, tem se adaptado às necessidades do seu objeto e com isso, criando outras interações (inter)disciplinares para entender e organizar os acervos. Desta forma, abre-se um leque que permeia a passagem da História à Administração e à Tecnologia de Informação, dentre outras. A cada nova interação, novos conceitos são criados e reverberam na formação dos arquivistas. Termos novos foram criados ou estão sendo utilizados dessas outras áreas, como por exemplo: metadados, *software*, *hardware*, interoperabilidades etc. Destarte, a discussão que se coloca é de importância para a comunidade arquivística para que possa compreender e se posicionar frente a estas realidades informatizadas.

Após a abertura da roda de conversa a palavra foi facultada ao primeiro palestrante professor Doutor, Daniel Flores. Inicia sua fala explicando que as tecnologias estão em todos os elementos e que atualmente utilizamos a tecnologia da informação. Entretanto, o arquivista já lida com diferentes formatos: o papel, o microfilme, a fotografia etc. Neste momento as instituições, ao trabalharem com os documentos produzidos em formatos digitais, impõem outras demandas ao arquivista: o documento digital.

Flores pontua que atualmente a Arquivística consegue dar respostas à produção documental com os elementos arquivísticos em ambiente digital, principalmente pautada nos requisitos do e-arq Brasil, estabelecido pelo Conselho Nacional de Arquivo e no que toca à preservação que para ele são as duas grandes epistemias da Arquivologia. Portanto, cabe aos cursos prepararem-se para repassar estes conceitos e práticas para a formação do arquivista, a fim de atender às demandas sociais de produzir, preservar, dar acesso com transparência e segurança jurídica.

O documento digital se estrutura em uma cadeia de custódia que vai da produção em ambiente de gestão (Sistema Informatizado de Gestão Arquivística de Documentos- SIGAD), passando, de acordo com a avaliação, para um repositório que tenha caráter permanente (Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis – RDC-Arq). Além destes dois ambientes deve também existir um terceiro para acesso. Este percurso não pode sofrer ruptura, cabendo ao arquivista conhecer e garantir todo este caminho de maneira inalterada. Por conseguinte, cabe na formação acadêmica contemplar estas mudanças paradigmáticas impostas pela tecnologia dos ambientes digitais.

Flores apresenta proposta para que os cursos instrumentalizem cinco componentes curriculares, com o intuito de preparar os alunos para tratarem documentos arquivísticos digitais. A proposta iniciava-se no primeiro ano com um componente curricular para ‘alfabetizar’ digitalmente os alunos em conhecimentos gerais sobre tecnologia da informação.

É importante destacar que a maioria dos alunos detém algum conhecimento na utilização dos principais *softwares* e aplicativos de celular, porém, não estão familiarizados com informações mais específicas para o trabalho arquivístico. Para o palestrante: “o aluno deve conhecer (...) o que é ambiente digital, o que é digitalização de documentos, o que é banco de dados, o que são dados estruturados, como fazer planilha, como trabalhar com metadados” (FLORES, 2020). Estas informações seriam importantes para que o estudante pudesse em um segundo momento entender e trabalhar com um sistema informatizado de gestão de documentos – SIGAD.

O segundo componente curricular aprofundaria aspectos teóricos da episteme dos documentos arquivísticos digitais. Apresenta aos estudantes todas as alterações conceituais sobre antigo objeto (o documento) agora em novo suporte. Analisar a sua complexidade, sua forma fixa e conteúdo manifestado em suporte, o esquema de metadados que garantam as características dos documentos arquivísticos.

Na sequência, o terceiro componente curricular passaria pelas práticas de gestão para os documentos arquivísticos digitais. O foco seria nos sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos, com a intenção de fazer com que os estudantes possam produzir, classificar e avaliar documentos em ambientes de gestão. Com isso, os discentes teriam uma vivência acadêmica das experiências que terão no mundo do trabalho.

O quarto componente curricular versaria sobre a segunda episteme: a preservação digital. Durante muito tempo, a preservação se fazia sobre o objeto digital em que o documento arquivístico estava gravado, tendo em vista que a Ciência ainda não conseguia responder como preservar documentos digitais por mais de cem anos. A partir do momento em que houve a produção de ambiente (*software*) que preserva o documento digital, independente dos prazos, há também a necessidade de estudá-lo, pois este ambiente é baseado em normas e padrões específicos da área. O ambiente de preservação mantém o documento ‘confinado’ e sem a quebra da cadeia de custódia, portanto, sua autenticidade será mantida. Assim, destaca-se o aspecto prático do componente. Em outras palavras, entender o que é o ambiente de preservação e como realizá-lo.

O quinto e último componente curricular trabalharia as questões forenses dos documentos arquivísticos digitais com o apoio da Diplomática Forense, analisando o *status* jurídico do documento digital. Aspectos como autenticidade, confiabilidade, rastreabilidade deste objeto que em muitos casos são desconsiderados pelas instituições.

O palestrante destaca que:

“... se deve ter como entendimento que estas cinco disciplinas não são disciplinas de Tecnologia da Informação - TI ou da Informática, ou complementares, mas sim, de Arquivologia, de Documentos Arquivísticos Digitais, com conteúdos troncais, nucleares à formação do Arquivista, nos dias de hoje.” (FLORES, 2020)

E com estas colocações o palestrante terminou sua apresentação, apontando preocupações com a falta de implementações de componentes curriculares que tratem dos documentos arquivísticos digitais, que podem colocar em risco as memórias institucionais.

A segunda palestra foi proferida por Josemar Henrique de Melo, professor doutor do Curso de Arquivologia da UEPB. Em sua fala apresentou as alterações realizadas no Projeto Político Pedagógico do referido curso para a ampliação e implementação dos componentes curriculares da área de tecnologia da informação.

Desde a década de 1970 a Arquivologia tem revisto suas metodologias e teorias, tendo em vista as mudanças do objeto de trabalho: o documento arquivístico. Naquele período a ‘novidade’ era o microfilme e hoje temos a digitalização e os documentos produzidos em ambientes digitais. Em todos esses momentos, a formação dos futuros arquivistas teve que acompanhar estas mudanças.

No caso específico do Curso de Arquivologia da UEPB, o antigo projeto pedagógico mantinha o que Flores (2016) apontava: as tecnologias eram apresentadas de modo superficial, como ferramenta complementar à automatização dos arquivos, sem grandes interações com a Arquivologia.

O Projeto Pedagógico de 2006, produzido na criação do Curso, dispunha nesta área de dois componentes curriculares: Tecnologia da Informação 1 e 2, além de Documentos Digitais. Ressalte-se que os dois primeiros componentes eram ministrados por professor com formação em tecnologia e o segundo por professor da área específica do curso. Em 2016 o Projeto Pedagógico foi revisto, mantendo o componente de Documentos Digitais e na área das tecnologias ampliamos a oferta de componentes curriculares, a saber:

- Fundamentos das Tecnologias de Informação e Comunicação⁴;
- Arquitetura de Informação;
- Gestão das Tecnologias e Sistemas Arquivísticos;
- Gestão de Banco de Dados
- Estrutura e Linguagem para organização da Informação WEB.

É importante destacar que o componente curricular Documentos Digitais manteve o foco na abordagem teórica sobre os documentos arquivísticos digitais, colmatando as necessidades de discussões sobre as epistemes estabelecidas para os documentos arquivísticos digitais, como apresentado na explanação anterior. Entendemos também que o Projeto Pedagógico do curso de Arquivologia da UEPB não está, especificamente, nos mesmos moldes da proposta do professor Daniel Flores. Entretanto, buscamos atender, dentro das possibilidades e limitações (físicas, recursos humanos e financeiros da instituição), as necessidades para a formação de um arquivista com conhecimento e prática nas tecnologias de informação.

No que se refere à área das tecnologias de informação, conseguimos com essa ampliação estabelecer o que Daniel Flores colocou sobre uma ‘alfabetização’ dos estudantes e, com o aumento do número destes componentes disponibilizamos, no Projeto Pedagógico do Curso, um maior contato com as ferramentas tecnológicas, preparando os estudantes para as experiências que terão na vida laboral. No conteúdo do componente Gestão das Tecnologias e Sistemas Arquivísticos, ofertado no mesmo período de Documentos Digitais, são apresentadas as bases práticas do SIGAD e dos repositórios arquivísticos confiáveis, em que os estudantes passam a ter contato com ambientes digitais, efetuando os passos necessários para o tratamento do documento arquivístico digital.

É importante salientar que este componente foi uma construção conjunta dos professores das áreas de Tecnologia da Informação, Arquivologia e do técnico administrativo da

⁴ Os conteúdos de cada um dos componentes curriculares aqui apresentados, bem como todas as alterações realizadas no curso de Arquivologia da UEPB podem ser vistos em:
<http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/0128-2016-PPC-Campus-V-CCBSA-Arquivologia-ANEXO.pdf>

Coordenação de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) do Campus V, que nos deu muito apoio na instalação dos *softwares* necessários para ministrar as aulas. Desta forma, há uma complementação dos conteúdos ofertados para os estudantes. Há também a se destacar a dificuldade em se obter *softwares* de gestão para as aulas práticas.

Consideramos que com esta nova roupagem o curso de Arquivologia da UEPB conseguirá melhorar a formação dos estudantes, no sentido de prepará-los para essas demandas do mercado de trabalho.

3 O DEBATE

No momento final da roda de conversa, foi promovido um debate entre os palestrantes. Para tanto, o professor Sânderson Dorneles questionou sobre teoria e prática na formação de arquivistas em relação ao uso de tecnologias da informação para a gestão arquivística de documentos digitais, algo que algum tempo vem sendo debatido pela comunidade nacional e internacional de arquivistas.

Nesse sentido, o professor Josemar de Melo endossou a pergunta quanto às implantações de sistemas de gestão de arquivos com aspectos da teoria arquivística de documentos digitais em instituições, e deu como exemplo o projeto de implantação de um sistema dessa natureza na administração do governo do Estado da Paraíba.

Ao responder as perguntas, o professor Daniel Flores começou sua explanação refletindo sobre a formação do arquivista do futuro, no entanto ele conclui que esse futuro já chegou, pois as instituições já produzem documentos nato digitais, já estão digitalizando e eliminando originais, sem a preservação digital, sem requisitos, bem como sem garantia de forma fixa. A profissão de arquivista já é atual, contemporânea e já está, em determinados momentos, defasada.

O professor Flores continua arguindo que já devemos realizar identificação arquivística de documentos digitais em sistemas de gestão, pois as instituições podem não saber distinguir o que é espécie e tipo documental. Diante desse atraso na formação de gestão arquivística de documentos digitais, devemos preparar os estudantes de Arquivologia para as correções dessas distorções. Os cursos de Arquivologia, embora com a ausência de laboratórios para essas práticas, devem superar com o uso de máquinas virtuais para simular os *softwares* arquivísticos de gestão e preservação, tais como Alfresco, Nuxeo, Archivematica e Atom. Por fim, argumenta que devemos fortalecer a Ciência, pois o arquivista é um profissional que pensa e desenvolve políticas, baseadas em teorias e requisitos. A respeito disso, o professor Josemar de Melo complementa que a teoria não muda por causa das dificuldades da execução de prática em determinadas instituições, pois teoria e prática andam juntas.

Logo após, o professor Sânderson Dorneles questiona sobre os requisitos do e-arq Brasil, que é de 2011, e que esses requisitos não são atendidos em sua plenitude em *softwares* de gestão, seja da iniciativa pública ou privada.

Em resposta, o professor Daniel Flores diz que os desenvolvedores desses *softwares* não buscam o e-arq Brasil. Neste ponto, o professor fala sobre o modelo de sistema americano – DOD 5015, cuja cultura americana é que um analista daquela nacionalidade sempre busque esse modelo para desenvolver *softwares* de gestão arquivística de documentos digitais, diferentemente do que ocorre no Brasil. Sobre esse aspecto, fala da invisibilidade do modelo de requisitos nacional, da área arquivística, e do profissional. E indaga, por que os nossos sistemas não contemplam requisitos.

Sendo assim, responde com prévias: a primeira é que temos um atraso da área, o profissional e o aluno de Arquivologia não estão preparados para os requisitos, existe um desconhecimento do e-arq Brasil, nem todos os alunos trabalharam com metadados de classificação do modelo de requisitos, que está na página 94 da publicação do e-arq Brasil. O profissional, diante dessa deficiência, não trabalha com metadados do e-arq Brasil, em simples registro de alteração de classe.

A segunda prévia diz respeito ao rompimento de que teoria é uma “coisa” e prática outra, sendo assim o e-arq Brasil é aplicável. Uma prova disso é que a Dataprev desenvolveu o sistema e-Doc que é compatível com o modelo de requisitos brasileiro. Contudo, por questões políticas, esse sistema foi descontinuado. Além do citado sistema, tem o Sistema de Informações para o Ensino (SIE) da Universidade Federal de Santa Maria (RS) que atende aos requisitos do e-arq Brasil.

Diante do debate, o professor Josemar de Melo levanta a questão da fragilidade política do Arquivo Nacional sobre as causas dessa não adequação dos sistemas nacionais de gestão ao uso de requisitos do e-arq Brasil. Sobre isso, o professor Daniel Flores concorda e esclarece que a crítica é sobre a ação política da instituição, uma vez que os servidores do Arquivo Nacional são altamente capacitados e desenvolvem trabalhos excelentes. E já adianta que tem uma nova versão do e-arq Brasil para ser aprovada. Como também, salienta que o sucesso da implementação dos requisitos depende de questões políticas e de preparo dos profissionais de Arquivologia e Tecnologia da Informação.

Por fim, o professor Sânderson Dorneles, questiona aos palestrantes sobre como nivelar os currículos de cursos de Arquivologia a respeito de tecnologias da informação aplicadas aos arquivos. Nesse sentido, o professor Josemar de Melo argumenta que o REPARQ tem debatido esse tema, assim como dissertações e teses da Arquivologia e complementa sobre a necessidade de um “Erasmus” arquivístico, um intercâmbio de estudantes e professores dos cursos de Arquivologia do País.

A respeito dessa discussão, o professor Flores concorda com o professor Josemar, mas argumenta que precisamos de uma ruptura paradigmática, pois, acreditava que essa ruptura já havia acontecido e que estávamos em uma transição paradigmática, ou seja, instituindo um novo paradigma, de que agora a preservação é sistêmica, os documentos precisam, atualmente, ficar confinados em sistemas digitais e que os planos de classificação precisam ser elaborados em linguagens demarcadas, em XML e em EAD (*Encoded Archival Description*) porque é uma norma arquivística. Mas isso, não vem ocorrendo, não estamos trabalhando com planos de classificação publicados em dados abertos, e sim em PDF, que é um documento manifestado plano e não estruturado e questiona como vamos importar essas classes dos planos para sistemas.

Sobre as normas para a codificação de instrumentos de descrição documental arquivística, utilizando a linguagem XML, Daniel Flores (2020) cita outras normas: EAC (*Encoded Archival Context*) para as autoridades arquivísticas e EAG (*Encoded Archival Guide*) para guias e instituições arquivísticas.

Deste modo, o professor Daniel Flores reforça a questão da Ciência, do estudante de Arquivologia estudar essas normas de codificação para a publicação de planos de classificação em formatos abertos como o XML para interoperabilidade e unificação em plataformas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de arquivos estava fundada, principalmente, nos suportes analógicos da informação, estes por sua vez vêm se alterando mais aceleradamente nos últimos anos. Assim, a Tecnologia da Informação aplicada à produção, tramitação, uso e armazenamento de documentos nato-digitais ou digitalizados passou a ser uma realidade para as instituições. Esta mudança pressiona fortemente para as transformações necessárias à formação dos profissionais que lidam com este objeto. Desta forma, discutir, estudar, implementar novos conhecimentos e referenciais são fundamentais para que os futuros arquivistas tenham possibilidade de participar mais ativamente nas instituições.

Os arquivistas sempre trabalharam com tecnologias. Entre as décadas de 1960 e 1970 a microfilmagem foi uma das principais ferramentas tecnológicas utilizadas nos arquivos, além de outros suportes de informação que necessitam de técnicas especiais para o seu manuseio. Os avanços tecnológicos impulsionam as demandas da sociedade, que por sua vez pressionam para que os profissionais estejam capacitados para as transformações tecnológicas. Debates como estes contribuem, portanto, para incentivar mudanças na formação dos arquivistas, trazendo para o centro das discussões temas que, poucos anos atrás estavam periféricos, as cizânias necessárias ao avanço da Arquivologia.

Os arquivistas não poderão ser mais vistos como os profissionais da ‘arrumação dos papéis, do suporte analógico’. São profissionais da organização e acesso dos documentos arquivísticos produzidos nos diversos suportes. Portanto, deve-se transcender, reformular os antigos paradigmas e estarem preparados para compreender, de maneira sistêmica, o fluxo dos documentos arquivísticos, ou seja, seu ciclo vital em ambientes digitais, com uma formação sólida e abrangente, trabalhando do papel ao nato digital.

Por conseguinte, são reflexões pertinentes, atuais e urgentes. Flores, finalizou sua participação, dizendo que mesmo não havendo laboratórios para as práticas, é relevante que toda essa teoria de arquivos digitais, da gestão à preservação deve ser repassada de forma teórica para todos os estudantes de Arquivologia.

A inspiração para este debate é também a permanente preocupação dos docentes com a formação dos discentes, fazendo com que uma contínua revisão dos conteúdos e dos perfis acadêmicos seja fundamental para o desenvolvimento de todo profissional.

REFERÊNCIAS

FLORES, Daniel. Tecnologia nos currículos dos Cursos de Arquivologia. 2020. **Semana Nacional de Arquivos 4ª. Roda de Conversa**. Org. Curso de Arquivologia da UEPB. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=12ryp_RwzEw&t=1692s. Acesso em: 24 jun. 2020.

FLORES, Daniel. Desafios Contemporâneos dos Currículos de Arquivologia: A questão dos documentos arquivísticos digitais e suas relações interdisciplinares da Arquivologia. In: NEVES, Dulce Amélia de Britos; ROCHA, Maria Meriane Vieira; SILVA, Patrícia. **Cartografia da Pesquisa e Ensino da Arquivologia. IV REPARQ** (Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia). João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.